



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE LETRAS

**ESTUDO COMPARATIVO DA FONOLOGIA DAS LÍNGUAS YAATHE,
DZUBUKUÁ E KIPEÁ**

FRANCE CARLA NÓIA BORGES

DELMIRO GOUVEIA/ ALAGOAS

SETEMBRO/2018

FRANCE CARLA NÓIA BORGES

**ESTUDO COMPARATIVO DA FONOLOGIA DAS LÍNGUAS YAATHE,
DZUBUKUÁ E KIPEÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa sob a orientação da Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva.

**DELMIRO GOUVEIA/ ALAGOAS
SETEMBRO/2018**

**Catálogo na fonte Universidade Federal
de Alagoas Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

B732e Borges, France Carla Nóia

Estudo comparativo da fonologia das línguas Yaathe,
Dzubukuá e Kipeá / France Carla Nóia Borges. – 2018.
35 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal
de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia,
2018.

1. Fonologia. 2. Línguas indígenas. 3. Língua Yaathe.
4. Língua Dzubukuá. 5. Língua Kipeá. I. Título.

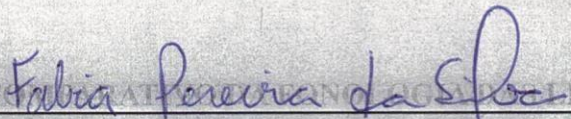
CDU 811.87'344

FICHA DE AVALIAÇÃO

FRANCE CARLA NÓIA BORGES

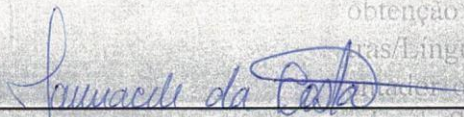
**ESTUDO COMPARATIVO DA FONOLOGIA DAS LÍNGUAS YAATHE,
DZUBUKUÁ E KIPEÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas, UFAL, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras/Língua Portuguesa, tendo como orientador o Professora Doutora Fabia Pereira da Silva. Aprovado em 20/09/2018

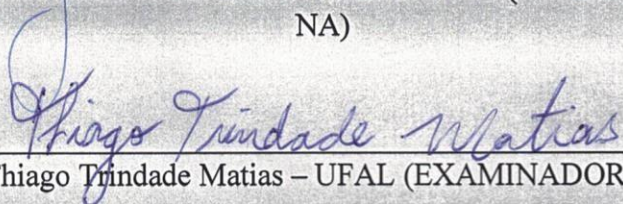


Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva -UFAL (ORIENTADORA)

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa – PPGL/UFAL (EXAMINADORA EXTERNA)



Prof. Dr. Thiago Trindade Matias – UFAL (EXAMINADOR INTERNO)

Profa. Dra. Fabia Pereira da Silva -UFAL (ORIENTADORA)

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa – PPGL/UFAL (EXAMINADORA EXTERNA)

“ Dedico esse trabalho aos meus pais Socorro N6ia e Francisco que fizeram o poss6vel e o imposs6vel para que eu estivesse aqui nesse momento. Obrigada por toda dedica76o. Voc6s s6o os melhores pais do mundo. Amo voc6s! Ao meu esposo, aos meus irm6os e irm6s, aos meus sobrinhos, e a minha orientadora. ”

Agradecimentos

Primeiramente agradeço ao Eterno, nosso criador, que é a força da minha vida e com Ele nada temi e nada receei. Graças a Ele, venci momentos de embaraços e atalhos tortos e sem sua presença nada disso seria possível. Sei que para percorrer um caminho sozinho não é fácil. Por isso, agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido esse grande momento em minha vida, que é chegar ao fim de mais uma conquista.

Agradeço imensamente aos meus pais, em especial a minha mãe, minha vida, minha razão de viver, por estar sempre presente, me ajudando em todos esses momentos, estando sempre ao meu lado, cuidando e torcendo por mim. Ao meu pai por estar sempre comigo e me impulsionar para chegar até aqui. Em especial, agradeço ao meu esposo, por estar sempre ao meu lado, cuidando e me apoiando em todas as situações.

A todos os meus irmãos que me apoiaram e sempre me passaram uma palavra de ânimo. Agradeço a todos os meus familiares que torceram por mim. Sou muito grata aos meus queridos mestres que acompanharam meus estudos durante todos esses anos e, em especial, à professora Fábiana Fulni-ô por todo apoio, atenção e dedicação para me orientar nesse TCC.

Todas as línguas [variedades] do plurilinguismo, qualquer que seja o princípio subjacente a elas e que torna cada uma única são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de conceitualizar o mundo em palavras, visões específicas do mundo, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, significados e valores. Como tais, todas elas podem ser justapostas umas às outras, se suplementar mutuamente, se contradizer mutuamente e se inter-relacionar dialogicamente. Como tais elas encontram umas às outras e coexistem na consciência das pessoas concretas(...) Como tais, essas línguas [variedades] vivem uma vida concreta, se embatem e evoluem num ambiente de plurilinguismo social (1981, pg. 291-292).

Faraco (2005) *apud* Mikhail Bakhtin (1890-1975)

RESUMO

Neste trabalho, fizemos uma comparação do sistema fonológico de três línguas indígenas, a saber, o Yaathe, Dzubukuá e Kipeá. O objetivo principal é verificar semelhanças e diferenças entre os inventários fonológicos das três línguas a fim de levantar hipóteses sobre parentesco genético e tipos estruturais. Os pressupostos teóricos seriam os da linguística histórica, através do método comparativo, o que se mostrou inviável. Constatada a impossibilidade de aplicação do método histórico comparativo, fizemos uma comparação dos inventários em termos mais gerais, para detectar parentesco genético, e uma comparação de base tipológica para identificar propriedades estruturais das línguas. Os principais autores consultados, do ponto de vista teórico, foram Martins (2007), Odden (2005), Gussenhoven e Jacobs (1998), Song (2014). Os dados utilizados para a análise foram encontrados em Queiroz (2013), Nantes (1699), Dias (2017). Os resultados apontam para o parentesco genético entre Duzbukwá e Kipeá, bem como para o compartilhamento de propriedades estruturais entre essas duas línguas, com a língua Yaathe separando-se delas em ambos os aspectos. Confirma-se a hipótese de pertencimento das duas primeiras à família Kariri e de isolamento da língua Yaathe em termos família linguística.

Palavras-chave: Línguas Indígenas; Inventários fonológicos; Comparação; Tipologia

ABSTRACT

In this work, we compared the phonological system of three indigenous languages, namely Yaathe, Dzubukuá and Kipeá. The main objective is to verify similarities and differences between the phonological inventories of the three languages in order to raise hypotheses about genetic kinship and structural types. The theoretical assumptions would be those of historical linguistics, through the comparative method, which proved impracticable. Given the impossibility of applying the comparative historical method, we compared the inventories in more general terms to detect genetic kinship, and a comparison of typological basis to identify the structural properties of languages. The main authors consulted, from a theoretical point of view, were Martins (2007), Odden (2005), Gussenhoven and Jacobs (1998), Song (2014). The data used for the analysis were found in Queiroz (2013), Nantes (1699), Dias (2017). The results point to the genetic relationship between Duzbukwá and Kipeá, as well as the sharing of structural properties between these two languages, with the Yaathe language separating them in both respects. It confirms the hypothesis of belonging of the first two to the Kariri family and of isolation of the language Yaathe in terms linguistic family.

Keywords: Indigenous Languages; Phonological inventories; Comparison; Typology

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO -----	10
2 INFORMAÇÕES SOBRE AS LÍNGUAS YAATHE, DZUBUKWÁ E KIPÉA -----	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -----	16
3.1 Estudando Relações Entre Línguas -----	16
3.1.1 O método histórico comparativo -----	16
3.1.2 Tipologia Linguística -----	18
3.2 Inventários de Fonemas -----	18
4 OS INVENTÁRIOS DE FONEMAS: DESCRIÇÃO E COMPARAÇÃO -----	20
4.1 Inventários de Fonemas das línguas Dzubukwá, Kipeá e Yaathe -----	20
4.1.1 Descrição -----	20
4.1.2 Comparando os inventários de fonemas -----	23
4.1.2.2 Comparação geral -----	23
4.1.2.1 Comparação tipológica -----	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	27
REFERÊNCIAS -----	28
ANEXO -----	
Classificação das línguas indígenas brasileiras -----	

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, existe uma pequena quantidade de línguas indígenas comparando-se com a quantidade que se tinha anos atrás. Estima-se que com a chegada dos portugueses ocorreu uma perda de 1.000 línguas no território brasileiro, ou seja, hoje o número de línguas indígenas brasileiras que ainda são faladas gira em torno de 180 a 200 línguas, que estão classificadas em dois troncos (Tupi e Macro-jê), e 12 famílias, existindo ainda 10 línguas que são consideradas línguas isoladas.

A redução desses números para os atuais foi ocasionada por vários fatores, incluindo a perda dos povos que falavam tais línguas devido às epidemias de doenças contagiosas, guerras e também por uma nova cultura estabelecida pelos colonizadores com o intuito de catequizar os índios e fazê-los aprender o português mais rápido, ou seja, os índios tinham que aprender uma nova língua e abandonar a sua língua materna.

Segundo Rodrigues (2013, p. 11),

As línguas são classificadas em famílias de acordo com critérios genéticos: se situam em uma mesma família de línguas para as quais há evidência científica de que derivam, por evolução a longo do tempo, de uma mesma língua no passado mais ou menos remoto, mantendo um determinado nível de afinidade em sua gramática e em seu léxico. Existem famílias que revelam uma afinidade genética mais distante no tempo e constituem uma unidade mais ampla, que chamamos troncos linguísticos.

Ainda segundo Rodrigues,

No Brasil reconhecem-se 42 famílias linguísticas genéticas, dez das quais constituem o tronco Tupi e outras doze que integram o tronco Macro-Jê. Na presente lista de línguas também são tratadas como famílias as línguas que têm sido vistas como “isoladas”, pois são membros únicos de suas respectivas famílias genéticas. (RODRIGUES, 2013, p. 11)

Há uma confusão muito grande com relação a esses números. Em cada lugar que se investiga, há uma informação diferente. Há, portanto, uma necessidade urgente de se fazer um levantamento sério a esse respeito.

Apresento a seguir um quadro numérico baseado em Rodrigues (2013)¹.

¹ Apresentamos em anexo um quadro com a classificação de línguas indígenas brasileiras, adaptado de Rodrigues (2013).

Quadro 1: Línguas Indígenas Brasileiras

Tronco	Famílias	Línguas	Total de Línguas
Tupi	10	51	
Macro-Jê	9	26	
-	25	121	
-	-	02	200

Consideramos línguas isoladas apenas aquelas para as quais não se aponta nenhuma relação de família ou o tronco. Quando dizemos que uma língua não possui relação de família no momento atual, mas afirmamos que ela pertence a um tronco, constituindo por ela própria uma família – família de um único membro – não podemos dizer que ela é isolada. Este é o caso do Yaathe, que é o único membro da família Yaathe (Carnijó, Fulni-ô). Esse posicionamento nos leva a alterar o número de línguas no quadro acima proposto.

No que se refere aos estudos linguísticos voltados para a língua indígena brasileira, até hoje a área pertencente a Linguística Indígena ainda não conseguiu obter uma integração satisfatória no campo científico. É por esse viés que este trabalho tem como principal objetivo realizar um estudo comparativo da fonologia das línguas Yaathe, Dzubukuá e Kipeá, analisando e comparando a fonologia de cada língua com o intuito de explicar a origem e a filiação genética, verificando os aspectos que convergem e divergem entre as três línguas, pois, sabe-se que o tronco Tupi é assegurado em consistentes hipóteses, entretanto, o tronco Macro-jê é definido em hipóteses menos claras. Diante disso, faz-se necessário trabalhos de comparação entre essas línguas, que possivelmente eram próximas em termos de localidade.

Ao possível parentesco genético, devido à proximidade, o presente trabalho procurará, por meio de um estudo comparativo da fonologia das línguas Yaathe, Dzubukuá e Kipeá abordar não somente as convergências e divergências entre essas línguas, mas mostrar o quanto essas línguas são importantes para a língua e cultura brasileira, como também para a Linguística e outras áreas de pesquisa. Portanto, a grande relevância deste trabalho se dá pelo fato de tentar buscar a filiação genética dessas três línguas, uma vez que a Dzubukuá e Kipeá não são mais faladas, mas poderiam fazer parte da mesma família que o Yaathe, podendo formar uma família, uma vez que o Yaathe é uma língua isolada.

No presente trabalho, foram analisadas e comparadas especificamente três línguas que estão filiadas ao Tronco Linguístico Macro-Jê: a língua Yaathe, Dzubukuá e Kipeá, observando-se os seus sistemas de sons, ou seja, o inventário de fonemas dessas línguas.

Para a realização dessa pesquisa, foi necessária uma análise de dados já coletados e transcritos anteriormente em outros trabalhos. Para o estudo comparativo, inicialmente será necessária a utilização de métodos que se estabelecem na linguística histórica comparativa e dados descritos da língua Yaathe (SILVA, 2011; COSTA, 1999; DIAS, 2017); Dzubukuá (QUEIROZ, 2008). Da língua Kipeá, construímos um inventário baseado nas informações de Nantes (1699).

2 INFORMAÇÕES SOBRE AS LÍNGUAS YAATHE, DZUBUKWÁ E KIPÉA

O Yaathe é uma língua falada pelos índios Fulni-ô, que vivem no município de Águas Belas, uma cidade que está situada no oeste-sudoeste do Estado de Pernambuco, próximo à margem esquerda do Rio Ipanema, afluente do Rio São Francisco.

Na região Nordeste do Brasil, da Bahia até o Piauí, apenas esses índios ainda mantêm sua língua nativa em pleno uso. De acordo com Silva (2011, *apud* COSTA, 1993), 91,5% dos índios são falantes ativos (a maior parte) ou passivos (um pequeno número) dessa língua.

Os Fulni-ô são remanescentes dos grupos chamados Tapuias que habitavam os sertões nordestinos. Eles brigaram muito para se manter firme em suas tradições, conservando a sua língua e suas principais tradições, não permitindo o rompimento de culturas, que se dá quando “a comunidade étnica singular se rompe, quando ocorrem transformações sociais e econômicas que permitam um salto evolutivo, se dá o fenômeno da macroetnia”. (RIBEIRO, 1995, p. 91).

Nesses trabalhos dentro da realidade dos portugueses para os “hereges”, o índio se via obrigado a ser aculturado para manter-se vivo. Muitos não aceitaram e tiveram suas vidas ceifadas. Contudo, os Fulni-ô das margens do rio Ipanema ainda mantem suas tradições e seu idioma. Para isso, tivera que resistir bastante através de três séculos de contato invasor. Ribeiro (1996, p. 69-70) conta que

No começo do século XX, em torno da igreja levantada pelos índios, dentro do perímetro do aldeamento, existia um número considerável de moradores sertanejos e grande parte dos lotes tinha passado dos índios a estranhos, a título de arrendamento, compra ou por simples esbulho. Por volta de 1916, era tão grande a hostilidade entre os Fulniô e a população de Águas Belas que crescera em redor da igreja que os índios foram compelidos a se afastarem para um quilômetro adiante do antigo aldeamento, agora cidade, fugindo aos vexames a que os submetiam as autoridades locais. Nesse período, os índios que haviam permanecido no antigo aldeamento estavam ameaçados de perder as terras que lhes restavam. Muitos outros viram-se obrigados a dispersar-se para trabalhar nas fazendas da região. Os moradores neobrasileiros de Águas Belas, aproveitando-se dessa situação, pleitearam reversão do domínio do Estado das terras concedidas aos Fulni-ô, alegando que fora extinto o aldeamento com a extinção da diretoria dele incumbida no Império. Essa reversão permitiria a legalização da posse das terras pelos civilizados, que delas se haviam apropriado, a título de ocupação antiga de terras devolutas ou de propriedade do Estado. (RIBEIRO, 1996, p. 69-70).

As línguas Dzubukwá e Kipeá são línguas pertencentes à Família Linguística Kariri, que está filiada ao Tronco Linguístico Macro-jê. Essas línguas eram faladas por índios que viviam no Nordeste do Brasil, especificamente no sertão de Rodelas, uma cidade sertaneja situada na área do médio rio São Francisco, localizada entre a barra do rio Grande e a cachoeira de Paulo Afonso, no sertão da Bahia.

Sobre essas duas últimas línguas, Darcy Ribeiro escreve:

Tronco lingüístico extinto que compreendia os Kamarú, Dzubucuá, Kipeá e Sapuya. Remanescentes Kariri, profundamente mestiçados, tendo esquecido a língua e nada conservando da cultura, foram desalojados da aldeia da Pedra Branca, perto de Amargosa, na Bahia, fixando-se com restos dos Tupinaki em São Bento, nas cabeceiras do Catolé de onde alguns passaram ao Posto Paraguaçu do SPI, no município de Itabuna, no sul da Bahia.

Rodrigues (1986, p. 49) assim escreve:

Desapareceram também todas as línguas da família Karirí, mas de duas delas temos boa documentação do fim do século XVII e do início do XVIII; trata-se do Kipeá (ou Kiriri) e do Dzubukuá, aquele do Nordeste da Bahia e Sergipe, este das grandes ilhas do rio São Francisco, entre a Bahia e Pernambuco, próximo a Cabrobó.

No passado os Kirirí (ou Kariri) constituíam uma grande nação, dividida em diferentes grupos que se espalhavam pelo interior dos estados de Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Paraíba, curso inferior do Rio São Francisco, Sergipe e Bahia. Sua expansão pelo estado do Ceará é afirmada pela presença de topônimos em larga região do território.

Mesmo reconhecida oficialmente, a etnia Kipeá a partir de 1949, através da instalação de um posto do antigo SPI (Serviço de Proteção ao Índio), os conflitos ainda continuaram entre índios e não-índios – estes representados pelas classes dominantes e aqueles relegados à condição de “caboclos”, designativo que renega a sua identidade étnica. (NASCIMENTO, 2001).

A busca por melhores tempos apregoados pelas promessas de redenção e libertação de Antônio Conselheiro levou os Kipeá a participarem ativamente da Guerra de Canudos (1897), trazendo, com isso, consequências negativas para a sua cultura. A guerra dizimou uma parte significativa da população, levando embora a língua – que morreu com os últimos falantes nativos –, e seus pajés – que levaram consigo grande parte das tradições culturais já bastante modificadas pela ação catequética e pelo intenso contato com a população não-índia, “mas a descrição simbólica dos Karirí face à sociedade envolvente, mantinha-se assegurada.

É difícil reconstituir a história de um povo e de sua língua já desaparecidos, tendo deixado muito pouco registro

As lacunas deixadas pelas fontes históricas acerca do povo Karirí ainda são muito grandes. Os pormenores de sua cultura infelizmente foram silenciados pelos rumos tomados pela história da Costa brasileira e, mais especificamente, pela do sertão nordestino. As fontes disponíveis até o presente momento acerca desses índios, apesar de escritas pela pena do colonizador, ainda representam uma valiosa contribuição para o conhecimento dos costumes, das crenças e dos demais elementos que constituem o universo até então silencioso dos Dzubukuá. (QUEIROZ, 2013, p. 43).

Os Dzubukuá, juntamente com outras etnias nativas, habitavam o espaço geográfico designado pelos colonizadores da época como Sertão de Rodelas – região localizada no médio curso do rio São Francisco, mais especificamente entre a cachoeira de Paulo Afonso e a barra do Rio Grande. (GALINDO, 2004).

A briga por terras é uma cultura humana de milhares de anos. No Brasil, não foi diferente isso de certa forma é novo em relação ao resto do mundo. Embora o território seja vasto, o derramamento de sangue sempre foi uma forma, como os demais povos do mundo, de apropriação de terras.

Na região Nordeste houve significativas lutas do índio com os “homens brancos”, incluindo a própria igreja, por áreas prosperas que já eram ocupadas pelos índios. Com isso muitos foram exterminados para a continuidade do crescimento populacional

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Estudando Relações Entre Línguas

Sempre se percebeu, desde os gregos, que as línguas mudam através dos tempos e que essa mudança pode se dar em todos os níveis da estrutura linguísticos. Mas foi no século XIX que os estudos linguísticos se voltaram com mais firmeza para as questões relacionadas com as mudanças linguísticas. No século XX, as teorias linguísticas vão dar, em maior ou menor grau, atenção à questão. Uma das vertentes mais relevantes é a tipologia linguística, que busca comparar línguas para determinar tipos estruturais com base em determinadas propriedades.

3.1.1 O método histórico comparativo

Baseado em Martins (2007), resumimos os pressupostos do método histórico comparativo.

O interesse dos primeiros comparativistas era confrontar a morfologia flexional e derivacional do sânscrito com a morfologia de outras línguas indo-europeias, especialmente do grego e do latim. Mais tarde, os neogramáticos se dedicaram aos estudos de mudança fonética, estabelecendo os princípios que regem as mudanças.

Em todos esses casos, o objetivo principal era reconstruir a protolíngua, ou seja, a língua da qual um grupo de línguas parecia ter-se originado.

O método comparativo é central para a linguística histórica, o mais importante dos diversos métodos e técnicas que utilizamos para recuperar a história das línguas.

É baseado em dois pressupostos fundamentais. O primeiro argumento, poderíamos denominar a **hipótese do parentesco** e o segundo a **hipótese da regularidade**. A hipótese do parentesco procura explicar semelhanças evidentes entre vocábulos que pertencem a línguas ou dialetos diferentes por meio da suposição de que esses dialetos e línguas são parentes. A teoria pressupõe que as línguas e os dialetos em consideração descendem de um antecessor comum ou **protolíngua**. A hipótese da regularidade possibilita que essa protolíngua seja reconstruída ao supor que a mudança fonológica é um fenômeno regular. Essa teoria conjectura que, caso mudar, cada som num dado dialeto será modificado da mesma maneira em cada instância nas mesmas circunstâncias. O método comparativo consiste em examinar palavras com significados parecidos em línguas suspeitadas de descender de uma protolíngua comum, na esperança de descobrir **correspondências fonológicas** e de reconstruir a protolíngua.

O procedimento envolve o exame dos sons numa determinada posição dentro de certo morfema. Por exemplo, comparam-se as consoantes iniciais num conjunto de vocábulos para os quais existe a suspeita de as palavras serem cognatas. Os **cognatos** são palavras que descendem do mesmo vocábulo na protolíngua. É comum que itens cognatos exibam semelhanças tanto na sua forma quanto no seu significado. Após examinar todos os sons situados em posições análogas e quando todas as correspondências fonológicas estiverem identificadas, é possível progredir à reconstrução da forma da palavra na protolíngua.

O método comparativo pressupõe a relação de parentesco entre as línguas a serem comparadas. Para apontar as qualidades especiais desse parentesco, August Schleicher introduziu o conceito da árvore genealógica em 1871. A noção revela o interesse da época na teoria de evolução e aplica a hipótese, no que diz respeito ao desenvolvimento de espécies diferentes, à evolução das línguas filhas a partir de uma língua ancestral. A hipótese da árvore genealógica supõe divisões sucessivas nas etapas anteriores razoavelmente homogêneas, períodos de desenvolvimento durante os quais outras mudanças possam ter ocorrido e ainda outras divisões. Pela ocorrência regular de tal série de eventos, as famílias linguísticas proliferam. Pressupõe-se que, após uma língua ancestral dividir-se em duas ou mais línguas filhas, os falantes das línguas filhas se dispersam por caminhos separados, linguística e, muitas vezes, fisicamente. Não há nenhum contato mais entre os falantes das línguas filhas.

Ao reconstruir a história de famílias linguísticas, é importante dispor de um método para estabelecer que uma língua se dividiu em duas ou mais línguas filhas. Em geral, a **cisão linguística** está baseada na noção da **reestruturação fonológica**. O sistema fonológico de uma língua é reestruturado quando o sistema de contrastes fonológicos for modificado de tal modo que antigos contrastes desapareçam, novas oposições sejam introduzidas, ou quando os elementos do sistema simplesmente sejam realinhados. Se um membro de um par de dialetos sofrer um desenvolvimento ou uma série de desenvolvimentos que reestruture seu sistema fonológico, é possível dizer que a língua original se dividiu em duas línguas. Em tal situação, a mudança é irreversível e um sistema fonológico é estabelecido, que é inovador, tanto com respeito ao sistema da língua ancestral, quanto é distinto dos sistemas das línguas cognatas.

Existe um importante concorrente ao modelo do desenvolvimento linguístico da árvore genealógica que é chamado a **teoria das ondas**. Proposto primeiro por Johannes Schmidt no ano de 1872, a teoria das ondas sustenta que as inovações linguísticas se espalham de uma língua ou um dialeto para outra variedade linguística através dos contatos por parte dos falantes de línguas ou dialetos vizinhos, e os defensores dessa teoria demonstram que é frequente as línguas compartilharem inovações que não podem ser atribuídas a um antecessor

comum. Duas línguas *A* e *B* poderiam exibir, por exemplo, reflexos de mudanças fonológicas idênticas. *A*, no entanto, pode exibir também os reflexos de uma outra mudança que são específicos à língua *A* e que têm que ter precedido o desenvolvimento que é idêntico ao da língua *B*. Uma mudança comum a mais de uma língua (sejam elas aparentadas ou não) que não é devida à herança de um antecessor comum é designada uma ***evolução paralela***.

3.1.2 Tipologia Linguística

De modo geral, estima-se que existem entre 4.000 e 6.000 línguas no mundo. Pode haver até 7.000, se a distinção entre línguas e dialetos for mais refinada. Esse número já nos dá pelo menos uma ideia geral da grande diversidade de línguas do mundo. Dada essa diversidade, as línguas precisam ser classificadas em diferentes tipos estruturais, de acordo com propriedades diversas. Qualquer propriedade estrutural ou qualquer fenômeno gramatical da língua pode ser estudado.

Essa abordagem comparativa tipológica é frequentemente empregada no estudo ou comparação de inventários de fonemas. Aqui ela é apresentada de acordo com Odden (2005).

Dois conceitos são fundamentais para a análise: marcação e relação implicacional.

Marcação é a ideia que nem todos os segmentos ou conjuntos de segmentos têm o mesmo *status* em sistemas fonológicos: muitas línguas têm as consoantes oclusivas [p t k], que são não marcadas, mas muito poucas têm [q], que é dito ser marcada.

Relação implicação diz respeito à frequência de tipos de segmentos através das línguas, como, por exemplo, a relação implicacional entre a ocorrência de vogais orais e vogais nasais: muitas línguas têm somente vogais orais, enquanto outras têm vogais orais e vogais nasais, mas nenhuma língua tem somente vogais nasais.

Enquanto comparando inventários de segmentos para determinar parentesco genético, o método comparativo tipológico precisa ser observado.

3.2 Inventários de Fonemas

Os sistemas fonológicos são constituídos de diversos subsistemas, como o inventário de sons e fonemas, a constituição da sílaba e da palavra em termos de número de combinação de fonemas, o padrão acentual. Para este trabalho, vamos investigar apenas o inventário de fonemas, os sons que são utilizados pelas línguas particulares.

De acordo com Gussenhoven e Jacobs (1998), a estrutura fonológica é a estrutura que é relevante para a pronúncia da expressão e que não é isomórfica com a estrutura morfossintática da língua, isto, a estrutura que reflete os elementos que têm significado na expressão.

Diferentes línguas têm diferentes fonologias, mas elas também têm muitas coisas em comum. Duas ou mais línguas são aparentadas quando essas coisas em comum entre elas são muito mais semelhantes do que o que ocorre entre duas línguas não aparentadas. Desse modo, comparando-se sistemas fonológicos, podemos levantar hipóteses sobre o parentesco ou não entre línguas.

4 OS INVENTÁRIOS DE FONEMAS: DESCRIÇÃO E COMPARAÇÃO

4.1 Inventários de Fonemas das línguas Dzubukwá, Kipeá e Yaathe

Os inventários de fonemas que apresentamos a seguir foram organizados a partir de descrições já existentes das línguas aqui analisadas. Os dados do Dzubukwá são baseados em Queiroz (2013). Os quadros do Kipeá foram organizados por nós a partir do catecismo e da gramática de Nantes (1699). Os quadros do Yaathe estão baseados em Dias (2017), revistos e atualizados a partir de Costa (1999) e Silva (2011).

4.1.1 Descrição

Os quadros a seguir trazem os inventários de fonemas das três línguas, apresentadas nesta ordem: Dzubukwá, Kipeá, Yaathe. Descrevemos sucintamente cada inventário em seguida à apresentação do Quadros.

Quadro 02 – Consoantes e glides do Dzubukwá (Baseado em QUEIROZ, 2013)

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	Glotal
Oclusivas	p b	t d		k g	
Fricativa					H
Africadas		ts dz			
Nasais		m n	ɲ		
Flepe		ɾ			
Lateral		l			
Glides	w		j		

As consoantes do Dzubukwá são em número de dezesseis, com uma série de seis oclusivas simples, surdas e sonoras [p b t d k g]; uma única fricativa, a glotal surda [h]; duas africadas alveolares [ts dz]; três nasais – bilabial, alveolar e palatal: [m n ɲ]; um flepe e uma lateral, ambos alveolares [ɾ l]; e dois glides, labial e palatal [w j].

Quadro 3: Vogais do Dzubukwá (Baseado em QUEIROZ, 2013)

	Anteriores não-arred. arred.	Centrais	Posteriores
Altas	i	ɨ	u
Médias	e œ		o
Baixas		a	

O inventário de vogais do Dzubukwá é constituído por sete vogais: cinco vogais cardinais [i u e o a], uma vogal central alta arredondada [ɨ] e uma anterior arredondada [œ].

Quadro 4: Consoantes do Kipeá (Kiriri de Mamiani) (Quadro organizado a partir da descrição da língua (Nantes, 1699)

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	Glotaís
Oclusivas	p b	t d		k g	
Fricativas		s z	ʃ ʒ		h
Nasais	m	n			
Africada		ts			
Rótico		R			
Glide	w		j		

No inventário de fonemas consonantais da língua Kipeá, consideramos a ocorrência de dezessete segmentos. Do mesmo modo que em Dzubukwá, há uma série de seis consoantes oclusivas, surdas e sonoras [p b t d k g], mas um número bem maior de fricativas, que são cinco [s z ʃ ʒ h]. Ocorrem apenas duas consoantes nasais, a labial e a alveolar [m, n], uma africada surda alveolar [ts], uma vibrante alveolar [R] e dois glides, um labial e um palatal [w j].

Quadro 5: Vogais do Kipeá (Quadro organizado a partir da descrição da língua (Nantes, 1699)

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i	ɨ	u
Médias altas	e		o
Medias baixas	ɛ		ɔ
Baixas	e	a	

As vogais que constituem o inventário do Kipeá são em número de nove. Além das vogais cardinais [i u e o a], a língua possui ainda uma vogal central alta [ɨ], duas vogais médias baixas [ɛ ɔ] e uma vogal anterior baixa [æ].

Quadro 6: Consoantes do Yaathe (DIAS, 2017)

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	Glotal
Oclusivas	p p ^h	t d t ^h		k k ^h	
Fricativa	f	s	ʃ		h
Africadas		ts ts ^h	tʃ dʒ tʃ ^h		
Nasais	m	n			
Lateral		l	ʎ		
Glides	w		j		

A língua Yaathe apresenta o maior dos inventários de consoantes entre as línguas aqui tratadas. São identificadas vinte e duas consoantes. Entre as oclusivas, há uma série bastante assimétrica de consoantes simples, pois ocorrem apenas três surdas e uma sonora [p t d k], enquanto as consoantes aspiradas são todas surdas, nos pontos de articulação labial, alveolar e velar [p^h t^h k^h]. As fricativas são quatro, surdas [f s ʃ h] e ocorre duas séries de africadas, as simples com três segmentos [ts tʃ dʒ] e uma aspirada, com dois segmentos [ts^h tʃ^h]. As nasais são apenas duas, uma labial e uma alveolar [m n]. Há duas líquidas laterais, uma alveolar e uma palatal [l ʎ] e dois glides [w j], labial e palatal.

Quadro 7: Vogais do Yaathe (DIAS, 2017)

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i ĩ ī i̇		u ũ ū u̇
Médias Altas	e ẽ ē ė		o õ ō ȯ
Médias Baixas	ɛ ɛ̃		ɔ ɔ̃
Baixas		a ã ã ã̃	

A língua Yaathe apresenta um inventário de vogais com vinte e quatro fonemas. São vogais anteriores, centrais e posteriores, com quatro níveis de altura: altas [i u]; médias altas [e, o] e baixa [a], constituindo o quadro de vogais cardinais, mas duas vogais médias baixas [ɛ ɔ]. Duas distinções a mais, nasalidade e duração, criam uma série oral longa [i: u: e: o: ɛ: ɔ:], uma série nasal breve [ĩ ã̃ ẽ ã̃] e uma série nasal longa [ī: ã̄: ē: ã̄:].

Em resumo, há semelhanças e diferenças entre os inventários de sons das línguas examinadas, como previsto teoricamente. Nas seções seguintes, empreendemos a comparação dos inventários.

4.1.2 Comparando os inventários de fonemas

Nesta seção, comparamos os inventários de fonemas das três línguas, primeiro de modo mais geral e objetivo e, em seguida, de um ponto vista tipológico.

4.1.2.2 Comparação geral

Faremos aqui uma comparação geral dos inventários de fonemas das três línguas, buscando mostrar as semelhanças e diferenças em quadros que permitem uma melhor visualização.

Em seguida, representamos através de cores em um gráfico, as coincidências e disparidades que permitem considerar os inventários como mais próximos ou mais distantes entre si.

Quadro 7: Fonemas Consonantais

	Oclusiva			Fricativa		Africada			Nasal	Rótica	Lateral	Glide
	surda simpl	sonora simpl	surda aspira da	surda	Sonora	simpl es surda	simpl es sonora	aspirada				
Dzubukwá	p t k	b d g	- - -	- - - h	- -	ts -	- dz	-	m n ɲ		l -	w j
Kipeá	p t k	b d g	- - -	- s ʃh	z ʒ	ts -	-	-	m n	R	-	w j
Yaathe	p t k	- d	p ^h k ^h	f s ʃh	-	ts tʃ	dʒ	ts ^h tʃ ^h	m n	-	l ʎ	w j

Quadro 8: Fonemas Vocálicos

	Ant. não arred.				Ant. arred.	Central		Posterior		
	alta	med. Alta	med. baixa	Baixa	med. baixa	alta	baixa	alta	med. alta	med. Baixa
Dzubukwá	i	e			œ	ɨ	a	u	o	
Kipeá	i	e	ɛ	Æ		ɨ	a	u	o	ɔ
Yaathe	i i: ï ĩ	e e: ê ẽ	ɛ ɛ:				a a: ã ã	u u: ũ: û:	o o: ã õ:	ɔ ɔ:

Colocamos essa comparação em um quadro de cores para melhor visualizarmos semelhanças e diferenças.

Quadro 1: Diferenças e semelhanças gerais entre Dzubukwá, Kipeá e Yaathe - Consoantes

	OCLUS		FRIC		AFRIC			NAS	ROT	LAT	GL
	Simples	Aspiradas	surdas	sonoras	surdas	sonoras	aspiradas				
Dzubukwá											
Kipeá											
Yaathe											

Legenda:

	Semelhanças
	Diferenças

Entre Dzubukwá e Kipeá, encontram-se seis semelhanças e 5 diferenças.

Entre Dzubukwá e Yaathe encontram-se quatro semelhanças e 6 diferenças.

Entre Kipeá e Yaathe, ocorrem duas semelhanças e 7 diferenças.

Quadro 2: Diferenças e semelhanças gerais entre Dzubukwá, Kipeá e Yaathe – Vogais

	ANT				ANT.ARR	CENT		POST		
	alta	med. Alta	med. baixa	baixa	med. baixa	Alta	baixa	alta	med. alta	med. Baixa
Dzubukwá										
Kipeá										
Yaathe										

Legenda:

	Semelhanças
	Diferenças

Entre Dzubukwá e Kipeá, encontram-se 6 semelhanças e 4 diferenças.

Entre Dzubukwá e Yaathe encontram-se 1 semelhança e 9 diferenças.

Entre Kipeá e Yaathe, ocorrem 1 semelhanças e 9 diferenças.

Esses resultados parecem indicar que as línguas Dzubukwá e Kipeá seriam proximamente aparentadas, enquanto a língua Yaathe distancia-se dessas duas. Confirma-se o postulado de que ela não pertence à mesma família linguística – Kariri – a que pertencem as línguas Dzubukwá e Kipeá.

4.1.2.1 Comparação tipológica

O inventário de segmentos da língua Dzubukwá obedece mais ou menos à tendência universal de inventários fonológicos, no que diz respeito tanto à marcação quanto à relação implicacional. Apresenta uma série de seis oclusivas, sendo três surdas e três sonoras, três nasais nos pontos labial, alveolar e palatal. Há uma grande lacuna em relação às fricativas, pois é dito que existe apenas uma, a glotal. É comum que línguas tenham apenas a líquida lateral sem a líquida vibrante.² Os glides são os mais comumente encontrados nas línguas do mundo.

As sete vogais da língua Dzubukwá também estão distribuídas mais ou menos de acordo com as tendências universais. Sabemos que o inventário de vogais menos marcado é aquele que apresenta as cinco vogais chamadas de cardinais: [i u e o a]. Esse inventário de vogais apresenta essas vogais e mais duas [ɪ œ], que são marcadas, mas sua ocorrência obedece ao princípio da relação implicacional.

O quadro de consoantes do Kipeá é mais complexo do que o do Dzubukwá. Primeiro, há um número maior de segmentos. O inventário nos dá 17 segmentos contra apenas 16 do Dzubukwá. Do ponto de vista da marcação, a língua possui segmentos marcados [ts], mas ainda está de acordo com o conceito de relação implicacional, pois o segmento marcado ocorre juntamente com a contraparte não marcada, que é [t].

O inventário de vogais do Kipeá possui nove vogais, sendo cinco delas as chamadas vogais cardinais. A vogal alta central é marcada, mas ocorre juntamente com as altas anterior e posterior, respeitando o princípio de relação implicacional. O mesmo ocorre com a presença de [æ], apesar de criar uma assimetria no sistema e ser um segmento marcado. As vogais médias baixas [ɛ ɔ] são mais marcadas do que as suas contrapartes não marcadas [e, o], ainda assim mantendo-se dentro dos princípios teóricos postulados.

A língua Yaathe apresenta um inventário de consoantes com um grau maior de complexidade em relação aos outros dois. Basicamente, não utiliza a distinção surdo/sonoro entre as consoantes obstruintes, havendo um contraste surdo/sonoro nas africadas tʃ e dʒ que também são obstruintes, a única exceção sendo entre as oclusivas simples alveolares [t, d], e possui muitos segmentos marcados: oclusivas aspiradas [p^h t^h k^h]; africadas [ts tʃ dʒ ts^h tʃ^h]. Número de obstruintes – oclusivas, fricativas, aspiradas – é bem maior que o número de sonorantes – nasais, laterais, glides. O conceito relação implicacional é aplicado devidamente

² É comum que línguas tenham apenas a líquida lateral sem a líquida vibrante.²

na construção do inventário de consoantes: para cada consoante marcada, há a não marcada correspondente.

O inventário de vogais é grande – vinte e quatro, mas é bastante simétrico, não desobedecendo ao conceito de marcação.

Dos três inventários fonológicos, o do Yaathe, tanto em número de consoantes quanto de vogais é o maior. Não é considerada uma tendência universal que uma língua apresente um número de vogais maior do que o número de consoantes em seus inventários. Assim, Yaathe é uma exceção.

De modo geral, os inventários de fonemas da língua Yaathe – consoantes e vogais – são bastante extensos quando comparados com os inventários das outras duas línguas. Pode-se considerar diferentes causas como responsáveis por essa diferença, principalmente o fato de Yaathe ser a única língua viva e funcional, enquanto as línguas Dzubukwá e Kipeá foram extintas ainda no século XVIII, delas restando apenas registros escritos.

Todas as três línguas possuem segmentos marcados. Entretanto, há, na maior parte, obediência ao conceito de relação implicacional. Apenas a língua Yaathe rompe com a tendência universal que prevê que o número de consoantes em um inventário fonológico deve ser sempre maior que o inventário de vogais. Em Yaathe, o número de vogais é maior do que o número de consoantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fizemos uma incursão por um tema até certo ponto difícil de ser tratado em uma monografia de TCC. Contudo, as muitas leituras necessárias – ainda que não apareçam no texto final – foram gratificantes do ponto de vista do conhecimento adquirido sobre índios no Brasil, índios do Nordeste em particular e sobre línguas indígenas de um modo muito especial.

O foco do trabalho era a comparação das três línguas, uma tarefa muito ambiciosa. No decorrer do trabalho, descobrimos a impossibilidade de se fazer uma análise histórico-comparativo em busca de um ancestral comum, ou seja, de um parentesco genético.

As línguas Dzubukwá e Kipeá já estão classificadas como pertencendo à família linguística Kariri, que, por sua vez, está classificada como tendo sido filiada ao tronco Macro-Jê. A língua Yaathe constitui a família Yaathe, sendo o seu único membro. Considera-se que todas as demais línguas dessa família foram extintas.

A nossa análise, tanto de modo geral, observando as diferenças e semelhanças objetivas entre as três línguas, quanto a análise de cunho tipológico, aponta para essa união entre Dzubukwá e Kipeá, por um lado, e para a separação entre essas duas línguas e a língua Yaathe, por outro lado.

Mantemos, portanto, a hipótese da semelhança genética entre Dzubukwá e Kipeá. Yaathe continua isolada em termos de família.

REFERÊNCIAS

COSTA, J. F. *Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas*. Aspectos do contato Português-Ya:the. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1993.

COSTA, J. F. *Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfofonológicos e morfossintáticos*. (Tese de Doutorado). Recife: UFPE, 1999. Ribeiro 1995

DIAS, Crislaini Silva. *A função e o comportamento do traço nasal em yaathe, língua indígena brasileira*. (Dissertação de Mestrado). Maceió: Ufal, 2017.

FARACO, Carlos Alberto: **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. _ São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2005.

GALINDO, M. *O governo das almas: a expansão colonial no país dos tapuias – séculos XVII e XVIII*. 2004. Tese (Doutorado em História), Leiden Universiteit, Amsterdam.

GUSSENHOVEN, Carlos e JACOBS, Haike. *Understanding phonology*. 1998

MAMIANI, Luís Vincencio. *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam Kiriri*. Lisboa: Miguel Deslandes, 1699. Disponível em http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Amamiani-1699-arte/mamiani_1699_arte_google.pdf

MARTINS, Valteir. *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental*. Vrije Universiteit, Amsterdam, 2005.

ODDEN, David. *Introducing phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

QUEIROZ, José Márcio Correia. *Aspectos da fonologia Dzubukwá*. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2008.

RIBEIRO, D. 1996. *Os índios e a civilização*. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986. Nascimento, 2001

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29p. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>.

SILVA, F. *A sílaba em Yaathe*. Dissertação de Mestrado. Maceió: PPGL/Universidade Federal de Alagoas, 2011.

SONG, J. J. *Linguistic typology*. Morphology and Syntax. London e New York: Routledge, 2014.

ANEXO

CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Tupi	Macro-Jê	S/Filiação	Em Famílias	Línguas por família	Totais
Tupari			Akuntsú Makuráp Mekém (Sakirabiat) Tuparí Wayoró (Ajurú) Makuráp	6	
Tupi-Grarani			Amanayé (jé) Amondáwa Apiaká Araweté Assuriní de Tocantins (Akuáwa) Assuriní de Xingu (Awaeté) Aurê-Aurá Avá-canoeiro Diahói (Diarroi, Jiahúi) Guajá (Awá) Guajajára (Tenetehára) Júma Ka'apór (Urubu) Kaiwá (Kayowá) Kamayurá Karipúna Kayabi (Caiabi, Kaiabi) Parakanã (Apiteréwa) Parintintin Suruí de Tocantins (Aikewára) Tapirapé Tembé Tenharim	29	

			Uru-eu-wau-wau Wayampí (Oyampi) Xetá Zoé (Jo'é) Nhandéva Anambé		
Mondé			Arara do Beiradão (A. de Aripuanã) Aruá Cinta-larga Gavião (Ikôro, Digüt) Mondé Paitér (Suruí de Rondônia) Zoró	7	
Aweti			Awetí	1	
Jurúna			Jurúna (Yudjá) Xipáya	2	
Arikém			Karitiána	1	
Ramaráma			Karo (Arara)	1	
Mundurukú			Kuruáya Mundurukú	2	
Mawé			Mawé (Sateré-Mawé)	1	
Puroborá			Puroborá	1	51
	Jê		Apaniekrá (Canela, Timbira) Apinayé (Apinajé) Kaingáng (Caingangue) Kayapó (Mebengokré) Krahô (Craô) Krikatí (Timbira) Panará (Kayapó del Sur, Krenakarôre) Ramkokamekrã (Canela, Timbira) Suyá (Kisédje) Tapayúna Timbira (Canela, Gavião) Xakriabá (Xikriabá)	16	

			Xavante (A'wén) Xerénte (Akwén) Xikrin Xoklém (Xokrén)		
	Boróro		Boróro (Bóe)	1	
	Guató		Guató	1	
	Karajá		Javaé Karajá (Carajá) Xambioá	3	
	Krenák		Krenák (Botocudo)	1	
	Maxakali		Maxakali	1	
	Ofayé		Ofayé (Opaié, Ofayé-Xavánte)	1	
	Rikbaktsa		Rikbaktsa (Rikbák, Canoeiro)	1	
	Yaathe		Yaathe (Carnijó, Fulni-ô)	1	26
		Aikanã	Aikanã (Aikaná, Tubarão)	1	
		Páno	Amawáka Katukina-Pano Kaxarari Kaxinawá, Caxinawá Kontanáwa (?) Korúbo Kulíno (Kulína) Marúbo Matis Matsés (Mayorúna) Nukini Poyanáwa Xawanáwa Yamináwa (Jamináua) Yawanáwa (Yawanawá)	15	
		Karíb	Aparaí (Apalaí) Arara do Xingu (Ukarangmã) Bakairi (Kúra)	22	

			Galibi do Oiapoque (Kariña) Galibi do Uaçá (G. Marworno) Hixkaiyána (Hixkariana) Ikpéng (Txikão) Ingarikó Kalapálo Katuéna Kaxuyána (Katxuyána) Kuikúro Makuxí Matipú Nahukwá Patamóna (Kapóng) Taulipáng (Pemóng) Waimirí (Waimirí-Atroarí) Waiwái Wayána Yekuána (Mayongong) Tiriyo (Tirió, Trio)		
		?	Apolima Arara	1	
		Aruák	Apurinã (Ipurinã) Baníwa do Içana Kámpa (Axaninka, Ashininka) Kuripáko Maxinéri (Manchineri) Mehináku (Meinaco) Palikúr Paresí (Pareci, Haliti) Salumã (Enawene-nawê) Tariána (Tariano) Teréna Wapixána Warekéna (Werekéna) Waurá Yawalapití	15	

		Tukáno	Arapáso (Arapaço) Bará Barasána Desána (Desáno) Karapanã Kubéwa (Kubéo) Makúna (Yebamasã) Mirití-tapúya Pirá-tapúya (Waikana) Siriána (Siriáno) Tukáno (Tukána, Yepámasã) Tuyúka Wanáno (Wanána)	13	
		Jabutí	Arikapú Jabuti (Jeoromitxi)	2	
		Arawá	Banawá (BanawáYafi) Dení Jamamadí (Kanamanti) Jarawára Kulína (Madihá) Paumarí Zuruahá (Suruahá)	7	
		Samuko	Chamacoco	1	
		Chiquitano	Chiquito (Chiquitano)	1	
		Makú	Dâw (Kamã) Húpda Nadêb Yuhúp	4	
		Irántxe	Mynky (Menki) Irántxe (Iránxe)	2	
		Guaikuru	Kadiwéw (Cadivéu)	1	
		?	Kaixána	1	
		Katukina	Kanamarí Katawixí	4	

			Katukína Txunhuã-djapá		
		Kanoê	Kanoê	1	
		Kokáma/Omagua	Mista	1	
		Txapakúra	Orowín (Oro Win) Torá Urupá Warí (Pakaanóva) Kujubim (Kuyubi)	5	
		Kwazá	Kwazá (Kwayá, Coaiá)	1	
		Nambikwara	Lakondê Latundê Mamaindê Mandúka Mundúka Nagorotú Nambikwára Kithaulú, Sawantesú e outros Nambikwára do Pequizal Nambikwára do Sul Nambikwára do Vale do Guaporé Sararé Tawandê Sabanê	13	
		Bóra	Miránha	1	
		Múra	Múra Pirahã (Múra-Pirahã)	2	
		Isolada	Máku	1	
		Yanomâmi	Sanumá Yanomám Yanomâmi Ninám	4	
		Tikúna	Tikúna (Tukúna)	1	
		Trumái	Trumái	1	
		Karipúna do Amapá	Românica	1	

		Língua Geral Amazônia (Nheengatú)	Baré, Baniwa e outros povos no NW do Amazonas)	1	123
Total de Línguas					200

(Fonte: Rodrigues, 2013 (adpata

